

Dizer o indizível: o negro e a escravidão no discurso de viajantes argentinos ao Brasil

Decir lo indecible: el negro y la esclavitud en el discurso de los viajeros argentinos a Brasil

Lyanna Costa Carvalho¹

Resumo

Este trabalho discute as impressões do viajante argentino sobre a presença do negro e a escravidão no Brasil a partir dos relatos de Domingo Sarmiento (em três viagens na segunda metade do século XIX), Manuel Bernárdez (em crônicas que vão de 1908 a 1922) e Roberto Arlt (na série *Aguafuertes* sobre seus dois meses no Rio de Janeiro). Suas impressões dialogam com questões caras aos estudos culturais e pós-coloniais no contexto latino-americano: o papel da escrita no estabelecimento das relações de subalternidade; a imposição de um discurso moderno hegemônico em oposição a formas de conhecimento das comunidades tradicionais e sociedades colonizadas; a enunciação unilateral daqueles que têm voz sobre os que não têm. A escravidão, como instituição anacrônica, e a abolição tardia são um tabu para os novos tempos republicanos e para a imagem do Brasil que os argentinos querem desenhar. Ao mesmo tempo, o negro marginalizado e desterritorializado é parte indissociável da sociedade, e isso é evidente demais no cotidiano observado pelos viajantes. Como escrever sobre isso? O olhar do conquistador e do viajante como categorias e o conceito de *alegoria* em Walter Benjamin nos possibilitam evidenciar e compreender formatos de discursos e práticas que são apropriados para que relações de exploração e dominação se mantenham no contexto observado, conquistado.

Palavras-chave: escravidão no Brasil; modernidade e colonialidade; viajantes argentinos; alegoria.

Resumen

Este trabajo analiza las impresiones del viajero argentino sobre la presencia del negro y la esclavitud en Brasil a partir de los relatos de Domingo Sarmiento (en tres viajes en la segunda mitad del siglo XIX), Manuel Bernárdez (en crónicas que van de 1908 a 1922) y Roberto Arlt (en la serie *Aguafuertes* sobre sus dos meses en Río de Janeiro). Sus impresiones dialogan con temas importantes en los estudios culturales y poscoloniales en el contexto latinoamericano: el papel de la escritura en el establecimiento de relaciones subordinadas; la imposición de un discurso hegemónico moderno en oposición a formas de conocimiento de comunidades tradicionales y sociedades colonizadas; la enunciación unilateral de quienes tienen voz sobre quienes no la tienen. La esclavitud, como institución anacrónica, y la abolición tardía son tabú para los nuevos tiempos republicanos y para la imagen de Brasil que los argentinos quieren dibujar. Al mismo tiempo, el negro marginado y desterritorializado es una parte inseparable de la sociedad, y esto es demasiado evidente en la vida cotidiana que observan los viajeros. ¿Cómo escribir sobre eso? La mirada del conquistador y del viajero como categoría y el concepto de alegoría en Walter Benjamin nos permite resaltar y comprender formatos y prácticas discursivas que son adecuadas para que las relaciones de explotación y dominación permanezcan en el contexto observado, conquistado.

Palabras clave: esclavitud en Brasil; modernidad y colonialidad; viajeros argentinos, alegoría.

¹ Doutora em Literatura Comparada; Universidade Federal do Tocantins - UFT; Porto Nacional, Tocantins, Brasil; lyannacarvalho@uft.edu.

1. Introdução

O conflito de linguagens e temporalidades distintas, no grande encontro de alteridades do europeu e do americano, é definitivo para nossa formação. A ideia de América se cria a partir destes conflitos; é um encontro que é um choque de epistemes que resulta no extermínio da cultura local (TODOROV, 2003, p.6). Seguindo esse olhar, utilizar o paradigma modernidade-colonialidade proposto por Walter Mignolo (2007) como teoria implica a utilização de ferramentas discursivas que explicitem, no tratamento de qualquer objeto, a tradução/transposição da cultura europeia para outras localidades. É que, se a nação por si só já é uma criação tensa, ambivalente – por seu caráter orgânico e artificial ao mesmo tempo; por ser essa criação recente que remonta a tempos imemoriais (ANDERSON, 2008), fora da Europa ela comporta em si também os conflitos advindos da colonização. É uma das preocupações centrais dos estudos culturais e pós-coloniais a forma como foi criada e narrada nossa história, pela consciência de que, calcados na experiência europeia em relação a um mundo todo que era o outro, os modelos usados para formular e compreender a vida latino-americana amputaram e continuam amputando as distintas culturas do que se tornou, a partir de seu próprio referencial, a “periferia”, em marginalização das mais diversas produções simbólicas e experiências coletivas.

Isso é especialmente notável na “fase” de formação da nação, do desenvolvimento dos nacionalismos latino-americanos – o chamado “colonialismo interno” por Walter Mignolo (2007): neste momento, as nações recentes procuram se definir enquanto nações, afirmando, para isso, uma identidade própria à medida que organizam suas instituições políticas e suas bases econômicas, sem que, no entanto, como sabemos, jamais alcancem qualquer autonomia de fato das nações do centro. A partir do desenvolvimento destes temas, procuro verificar nos discursos modelos, fórmulas, recorrências de termos, estruturas, em organização de lógicas que procuram adequar a realidade experienciada àquelas narrativas. Especificamente, busco nas narrativas de viajantes e intelectuais argentinos sobre o Brasil explicitar os mecanismos discursivos que procuram tornar coesas e hegemônicas as experiências múltiplas, locais, heterogêneas, em torno da ideia de nação. Para isso, observamos a temática da escravidão e do elemento negro em nossa sociedade.

Domingo Sarmiento, Manuel Bernárdez e Roberto Arlt estiveram no Brasil em diferentes períodos, o primeiro no período imperial e os dois segundos durante o período republicano, e procuraram através de cartas e crônicas apresentar o Brasil ao interlocutor argentino. Assim, experienciam o cotidiano do Brasil de forma que os prejuízos da escravidão estão o tempo todo presentes. Porém, são temas delicados a uma cultura imperial, escravista, como foi o Brasil, e, por isso, demandam do olhar do viajante (SÚSSEKIND, 1990), assim como é o olhar do conquistador (TODOROV, 2003), uma negociação que diz respeito a uma rede de relações de poder e dominação, e não apenas à mera observação. A partir de um tema tão difícil, esses textos revelam estratégias e recursos estéticos, argumentativos e narrativos que procuram reorganizar, limpar, transformar, silenciar a violência histórica que foi a escravidão.

2. Metodologia

Em um comentário sobre a escravidão, Sarmiento a trata como instituição arcaica, degenerada, prática das sociedades europeias atrasadas, em oposição ao avanço industrial da liberal Inglaterra. Comemorando sua abolição, mesmo que tardia, no Brasil, Sarmiento vê um país livre dos prejuízos do elemento negro: no urbano-sanitário – “La raza blanca en Rio Janeiro

está plagada de enfermidades africanas” (SARMIENTO, 1996, p. 58); no moral – “el amo no osa ser libre, porque siente removerse bajo sus plantas la víctima que a su vez oprime” (SARMIENTO, 1996, p. 58); até alastrar-se ao mais precioso núcleo, que é do seio familiar, pelas relações atravessadas que a convivência íntima com o negro gerava (SARMIENTO, 1996, p. 58). Percebe-se que o negro deve desaparecer das cidades na construção de uma nação nos trilhos do progresso e da organização familiar burguesa, já que ele é apenas mão de obra. Enfatiza ainda o aspecto moral. Sarmiento estende os prejuízos da escravidão a todos no Brasil, pois o “amo não ousa ser livre”. A liberdade de pensamento é associada à dor da experiência prática da escravidão, o que tem efeitos muito graves. Ela ao mesmo tempo diz que a escravidão está resolvida, o amor está livre, e uniformiza uma experiência cujas particularidades foram sentidas exclusivamente na pele negra.

Mais de 30 anos depois, Arlt na mesma cidade se depara com as figuras negras andantes pela noite:

¿Con quiénes hablan? ¿Tendrán un tótem que el blanco no puede nunca conocer? Distinguirán en las noches el espectro de sus antepasados? ¿O es que recuerdan los tiempos antiguos cuando, felices como las grandes bestias, vivían libres y desnudos en los bosques, persiguiendo simios y domando serpientes? (ARLT, 1930, p. 64)

Há relações de poder óbvias camufladas nessa desrazão, e aí vemos que a violência se trata tanto quanto, ou talvez até mais, de um embate de epistemes do que apenas um conflito de classes. Naturalmente os dizeres devem alcançar o leitor com o tom de jocosidade pelo qual Arlt participou de seu tempo, mas a recorrência às figuras dos animais não deve passar despercebida. O mesmo trecho em que coloca o negro como essa figura bárbara conclui com uma nova animalização: “Uno de estos días me ocuparé de los negros: de los negros que viven en perfecta compañía con el blanco y que son enormemente buenos a pesar de su fuerza bestial.” (ARLT, 2013, p.64). Não se trata só do silenciamento, mas da construção de um discurso que estabelece, não de forma pacífica, a diferença entre o dominador e o dominado. Com relação ao negro, o discurso de Arlt toma o ar de domesticação, de um outro que logrou se tornar manso e útil.

O que notamos com esses exemplos é o potencial opressor e dominador do discurso dirigido à representação do negro dentro da sociedade. Por mais que algumas expressões e termos hoje soem agressivos à cultura, especialmente por causa das políticas inclusivas e da visibilidade que vozes alternativas à hegemônica vêm conquistando, o que se destaca nesses trechos são as estratégias e recursos de que emergem as formulações opressoras. Enfatiza-se marcadamente o lugar da linguagem figurada e da comparação para amenizar, conciliar, relativizar discursos e práticas violentos.

Nesse sentido, a comunicação, ao se tornar instrumento de dominação, denuncia, além da atitude do colonizador, um estatuto característico da modernidade-colonialidade. A partir de diversos exemplos históricos, nos quais os textos dos intelectuais argentinos sobre o Brasil em muito corroboram, começamos a delinear alguns traços característicos ou mais acentuados da linguagem moderna, do europeu conquistador. A crítica da linguagem moderna, marcadamente a partir do conceito de *alegoria* em Walter Benjamin (1984), nos possibilita pensar o problema da linguagem no processo de colonização da América Latina.

3. Resultados

Apesar de ser difícil pensar em termos de “resultados” para pesquisas que, como esta, adotam corpus movediços, buscando sua ressignificação em face das demandas de organização do cânone, de voz às minorias, de uma convivência mais harmônica entre as diferenças, é importante indicar a pertinência de cada vez mais evidenciarmos os mecanismos discursivos que acompanham, organizam, nomeiam as relações sociais. O trabalho buscou contribuir para esse diálogo, evidenciando e discutindo estruturas de pensamento a que o interessado em transformações profundas deve também estar atento, pois, como nos lembram os estudos culturais e pós-coloniais, a dominação e a exploração de uma cultura com relação a outra se dá também no campo epistemológico, e não apenas nas práticas econômicas e militares.

Referências

ARLT, Roberto. *Aguafuertes cariocas*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WALTER, Benjamin. *Origem do Drama Barroco Alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*. Trad. Silvia Jawerbaum e Julieta Barba. Barcelona: Gedisa, 2007.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Viajes*: edición crítica. FERNÁNDEZ, J. (coord). Madrid; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX, 1996.

SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins, 2010. Fontes, 2003.